



**TRABALHO DE CAMPO E
TRANSDISCIPLINARIDADE:
UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO**

ADALTO REIS MARTINS JUNQUEIRA ¹

¹ Professor de Geografia; especialista em Planejamento Educacional e mestrando em Análise e Planejamento Sócio/Ambiental - Universidade Federal de Uberlândia - UFU.
E-mail: adaltoeclara@centershopping.com.br

A educação pública e gratuita no Brasil tem passado por inúmeras dificuldades. Podemos ressaltar a dificuldade do Estado em melhorar o sistema educacional; a crise financeira que afeta as pessoas envolvidas com o processo educativo: comunidade, alunos e servidores públicos em geral; a falta de preparo dos profissionais da educação para atuar no contexto educacional atual, cada vez mais globalizado e que exige, principalmente, de professores e alunos, novas posturas diante do contexto político, econômico e cultural que se apresenta. Podemos notar essa situação na dificuldade de adaptação às novidades tecnológicas. As aulas, em grande parte das escolas públicas, atualmente, apresentam tendência a ser menos interessantes, uma vez que os alunos têm ao seu dispor, cada vez mais, um excessivo número de "recursos tecnológicos" - telecomunicações via satélites, computadores, internet, que tornam as aulas tradicionais desinteressantes.

As inovações tecnológicas trazidas pelas inovações técnico-científicas estão provocando uma reviravolta nas exigências para a formação educacional de nossos alunos, pois *"o importante hoje, ao contrário do passado, não é o estudante que memoriza informações e sim aquele que sabe onde buscá-las, que sabe pesquisar, que compreende o porquê das coisas. (...) hoje o fundamental é o aprendizado criativo, ou seja, a capacidade que a pessoa tem de pesquisar, de se reciclar, de aprender a aprender"*³.

Neste contexto insere-se um outro vetor que podemos chamar de questão holística, pela qual o indivíduo deve absorver o conhecimento de forma transdisciplinar, com a qual, segundo VESENTINI (1996), os profissionais - refiro-me aqui a todos os profissionais, inclusive alunos e professores - saem de seu isolamento e passam a jogar no time do outro. Cada um usa tudo que sabe, tudo que pode, cada um à sua maneira, para que o gol se faça. A partir daí, nosso saber se torna serviço e não poder. Somos todos participantes da caminhada para a humanização do ser ou para a hominização do ser. Tal visão holística traz consigo a transcendência das disciplinas e conteúdos na educação, ou seja, a transdisciplinaridade.

Desta forma, torna-se imprescindível que haja um grande entrosamento entre educadores e alunos, para permitir a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, vale a pena ressaltar que é necessário que se faça da pesquisa uma atitude cotidiana do professor e do aluno.

A escola tem uma grande responsabilidade: a de contribuir para a formação de seres críticos que possam viver em um mundo que se transforma constantemente, no qual a informação e a tecnologia têm relação direta com a construção do conhecimento e o educador passa por um período de mudanças na forma de ensinar. Esse período de mudanças

³VESENTINI, 1996.

tem um agravante, pois *"Continuam pretendendo que o professor aja, aprenda, reflita e mude, num processo linear, pois espera-se que o professor descarte seu método de ensino e coloque no lugar algo que está sendo mostrado como "melhor". As questões de ensino continuam sendo vistas apenas como questões pedagógicas."*⁴

Com isso, torna-se, ainda, mais difícil para o educador encontrar um novo caminho para a relação professor-aluno, principalmente se levarmos em conta que os professores, em sua maioria, estudaram em escolas tradicionais; que possuem sua maneira própria de dar aula; que os alunos resistem, de certa forma, às transformações escolares, devido a fatores sócio-econômicos; e que também os seus pais, em sua maioria, estudaram em escolas tradicionais.

Quando se fala em pesquisa, sabe-se que existem inúmeras procedimentos que podem ser utilizados - experiência e análises laboratoriais, formulação/aplicação de questionários, entrevistas, etc. No entanto, quero ressaltar aqui, uma possibilidade de pesquisa valiosa para a Geografia: **o trabalho de campo**⁵.

Transdisciplinaridade e trabalho de campo

O Trabalho de Campo possui todos os preceitos da transdisciplinaridade, pois consegue unir professores de todas as áreas do conhecimento ao redor de uma preocupação central: a construção do saber. Simultaneamente, dissolve a tradicional relação entre professor e aluno, na qual somente o professor é detentor do conhecimento e o aluno, um depósito de conteúdos.

Para a realização desse tipo atividade faz-se necessário um prévio aprofundamento em pesquisas (bibliotecas, pesquisa oral, consultas a Atlas geográficos, internet, etc.) , envolvendo todas as disciplinas escolares: Geografia, História, Biologia, Matemática, Química, Física, Filosofia, Sociologia, etc. É necessário que antes da viagem alunos e professores detenham um certo conhecimento sobre o local a ser visitado. Vale ressaltar, ainda, que o Trabalho de Campo pode ser explorado pelo menos de três maneiras distintas: a) no início do ano letivo, de forma a exemplificar e subsidiar os conteúdos a serem estudados; b) em um período intermediário no ano letivo de forma a envolver os conteúdos já estudados e sistematizá-los de maneira mais significativa; c) no final do ano letivo, com o objetivo exemplificar e ou comparar o que foi visto no campo com as teorias trabalhadas em sala de aula durante o ano letivo.

Quando observamos todos os obstáculos e dificuldades superadas pela união de toda a comunidade escolar, podemos afirmar que em

⁴ GOUVEIA apud MIORIM, 1995.

⁵ Viagem com fins científicos, fundamentada na integração de várias modalidades de pesquisa e na transdisciplinaridade escolar.

atividades assim é possível ocorrer a quebra das barreiras existentes entre as disciplinas escolares.

Como exemplo podemos observar algumas informações obtidas com a realização dos três últimos trabalhos de campo envolvendo a comunidade, os alunos e todo o corpo docente da Escola Estadual Ignácio Paes Leme, onde sou professor desde 1997.

Durante o ano em que realizamos nosso primeiro Trabalho de Campo, em 1998, fomos conhecer a cidade de Vazante, suas famosas grutas e a mineração, principal atividade econômica da cidade. Naquele momento, eu era um professor contratado, e recém chegado à escola. Não conhecia a equipe de professores e nem tão pouco o nível sócio-econômico de meus alunos, os quais pertenciam a todas as séries do ensino médio. A equipe de professores, por não me conhecer, deu pouco crédito a minha proposta de trabalho e os alunos não tinham o hábito de realizar tais atividades. Porém aos poucos consegui mobilizar uma parcela considerável de professores e recebi o apoio incondicional da direção da escola.

Os alunos foram os mais interessados e participaram de todas as atividades propostas - pesquisas histórico-geográficas sobre os locais a serem visitados, cálculo das distâncias e quilometragem, análise de mapas e elaboração do roteiro do Trabalho de Campo, etc. A maior dificuldade para eles foi a questão financeira, pois arcaram com todos os custos do trabalho. Os pais dos alunos foram envolvidos no processo por meio de participação em reuniões nas quais discutimos vários assuntos referentes à prática do Trabalho de Campo: roteiro a ser seguido, duração do trabalho, segurança, questões financeiras, preenchimento de questionários sobre dados pessoais de seus filhos e autorização para que os mesmos pudessem participar dos trabalhos de campo, visto que é fundamental a autorização dos pais para que seus filhos possam participar de atividades fora da escola.

Nos Trabalhos de Campo realizados nos anos seguintes, 1999 e 2000, respectivamente para Serra da Canastra e Brasília, houve maior participação da equipe pedagógica da escola, assim também como foi dada uma maior ênfase no estabelecimento de objetivos e avaliação de alunos e professores. A avaliação ocorreu em todos os momentos da atividade, desde as pesquisas prévias - bibliografia existente e fatores histórico-geográficos - até os dados obtidos durante e após a realização dos trabalhos de campo. Em todos os trabalhos de campo, foi possível notar o empenho dos alunos, dos pais de alunos e de todo o corpo docente da escola. Os resultados foram positivos especialmente no que se refere à superação dos conteúdos da grade curricular da escola.

Algumas considerações preliminares sobre a prática do trabalho de campo

O planejamento do trabalho de campo de acordo com o projeto

político-pedagógico - aquele que leva em conta a proposta curricular da escola pública e as ações pedagógicas de seu corpo docente - da escola é imprescindível para sua realização. Alguns fatores, que parecem insignificantes, têm de ser observados para que tudo caminhe bem e a atividade seja proveitosa para os alunos:

- Toda a documentação de alunos e professores deve ser conferida previamente, para que a empresa transportadora possa efetuar seguro de todos; os horários de saída e de chegada devem ser estipulados de forma que haja uma margem de tempo de sobra a fim de assegurar segurança e confiabilidade (caso ocorra algum imprevisto, como por exemplo a quebra de um ônibus, ou atraso em alguma palestra ou atividade marcada durante a realização do trabalho, etc.).

- O número de alunos não pode ser elevado, o mais próximo do ideal seria no máximo 40 (quarenta) alunos, ou o equivalente à lotação de um ônibus. Para cada ônibus é necessário o envolvimento de no mínimo 4 (quatro) professores para o monitoramento dos alunos e das atividades propostas;

- Ao se calcular o custo do trabalho de campo por aluno, é importante proporcionar um excedente de dinheiro para que os organizadores possam arcar com "custos surpresa" - como por exemplo, pagamento de pedágios, entrada em algum parque ou museu que não tenha sido inicialmente incluso nos custos do trabalho, atendimento médico-hospitalar a algum aluno que por ventura venha a machucar-se, etc.

- Os pais devem receber uma lista de endereços e telefones dos locais a serem visitados durante o trabalho de campo com o objetivo de se manterem informados sobre a situação/localização de seus filhos. Os professores também devem ter uma lista de endereços e telefones dos alunos e observações sobre a saúde de cada aluno (remédios acostumados a tomar, alergias, etc.).

Quanto às considerações feitas acima, é bom lembrar que todo roteiro elaborado de atividades de campo na prática pode apresentar necessidade de alterações. No entanto, a sua realização é extremamente gratificante, como veremos nos seguintes relatos de alunos.

O Rap Do TC ("trabalho de campo")

*"A gente pensa pouco no que a gente vai fazer.
Mas a gente não enxerga o que é pra gente ver.*

*Nossa vida é muito cheia; tão corrida pode crer!
Aluno que vai pra escola sem saber o que fazer.
Esse Rap vai pra aqueles que sabem o que é viver.*

*Uma vida de estudante, na escola, isso pra quê?
Só pra ver se a gente entende o sentido de viver.
Fazer conta a gente faz, e até na prova bem a gente sai.*

*Há uma coisa a mais que a gente quer saber.
É por isso que eu digo que o melhor a fazer
É buscar fora da sala de aula em algo ou em alguma coisa
Experiências que nos mostrem o porquê de tudo fazer.*

*Uma pesquisa no campo, numa serra ou até no mar
Nós veremos que um dia é isso aí... vai falta nos fazer
Vai trazer boas lembranças que nunca mais vão voltar*

*E o futuro nos espera, e sempre vai estar lá
Só que a gente não pesquisa, então pra que estudar?
O estudo enriquece; a pesquisa amadurece
O mundo se globaliza
E com ele a gente cresce!!!"*

Igor Mascarenhas, Aluno do Ensino Médio, (nov/2000)

Ao interpretarmos a letra do rap acima torna-se fácil identificar a importância que os alunos dão aos trabalhos extra-classe, a importância que tem a contextualização dos conteúdos com a vivência dos alunos. É evidente, na letra desse rap, que atividades assim marcam positivamente as experiências e a vida dos alunos. Para o aluno, é de extrema importância, relacionar os conteúdos estudados em sala de aula e trabalhos extra-classe, mesmo que isso signifique realizar um trabalho de campo em seu bairro, nos distritos, ou até mesmo no lixão de sua cidade.

"Com o "trabalho de campo" eu pude aprender coisas que dentro de sala de aula eu não aprenderia. (...) Pude aliar teoria a prática quando olhei de perto as vegetações existentes naquele tipo de clima, os animais, a formação das rochas, etc. Porém o mais importante mesmo nessa viagem foi a maneira com que reagimos em relação a nossos amigos diante dos imprevistos que aconteceram, aprendemos a ser solidários e a respeitar as diferenças uns dos outros. Gostei praticamente de tudo, desde a bagunça no ônibus, até a parte do aprendizado. Seria muito importante ter outros trabalhos de campo assim, pois dessa maneira aprendemos mais do que em

sala de aula (Física, Biologia, Química, Matemática, Geografia, História) e também conhecemos coisas e pessoas novas".

Josilaine Resende, aluna do Ensino Médio, (out/1999)

A prática do trabalho de campo, além de despertar o aluno para o mundo do conhecimento, consegue trabalhar com êxito valores como a cooperação, a solidariedade e o companheirismo. No depoimento da aluna, acima citado, podemos notar a riqueza de experiências vividas por ela no trabalho de campo realizado a Serra da Canastra - MG, tanto no que se refere a conteúdos vistos em sala de aula, quanto na formulação de atitudes e habilidades para que o aluno consiga sair de certas "situações-problema". Nesse trabalho de campo ocorreu a quebra de um dos ônibus que estavam transportando os alunos. Nesse momento tornou-se extremamente necessário uma série de atitudes por parte de alunos e professores no sentido de resolvermos o problema; dividimos lanches, água, conversamos sobre as possibilidades para sua solução e, enfim, superamos tal obstáculo.

Considero que atividades assim permitem a superação da escola atual, a democratização do conhecimento, o domínio do conteúdo escolar, instrumental, básico à sobrevivência dos grupos mais desfavorecidos da população; contribuem para a transposição das dificuldades que a comunidade, alunos e professores vêm encontrando na transmissão, construção/produção e reprodução do conhecimento. Sua riqueza está, sem sombra de dúvidas, na promoção e valorização da pesquisa como um instrumento didático-pedagógico.

A seguir damos sugestão de uma possibilidade de se construir um roteiro de trabalho de campo:

1. Nome da instituição pela qual realizar-se-á o trabalho de campo;
2. Título do trabalho de campo;
3. Trajeto pelo qual realizar-se-á o trabalho de campo;
4. Professores responsáveis pela realização do trabalho;
5. Dados sobre a saída e chegada dos alunos (local, horário e data);
6. Material necessário (deve constar nesse item uma lista de toda a documentação e materiais necessários para que os alunos possam realizar tal atividade com o máximo de conforto e comodidade possível);
7. Justificativa (deve-se fazer um breve relato sobre os fatores que justificam sua realização);
8. Objetivo (os objetivos geral e específicos devem relacionar-se com os conteúdos das disciplinas envolvidas com o trabalho de campo);
9. Organização e apresentação para os alunos de mapas (é de suma importância que o local a ser visitado seja localizado no espaço);
10. Informações gerais (devem explicitar como os alunos devem proceder no trabalho de campo e como serão avaliados, devendo ser

elaboradas por todos, alunos e professores);

11. Programação (devem ser citados os horários das atividades programadas: palestras, visitas a parques e museus, lanches, refeições, etc.)

12. Bibliografia (toda bibliografia consultada por alunos e professores para a realização do trabalho de campo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, D. e CREMA R. (Coord.) **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Sunmus, 1991.

FERNANDES, Amélia João, CARNEIRO, Celso Dal Ré et al. A introdução do aluno às atividades de campo. In: **Simpósio Nacional de Geologia no Brasil**, Belo Horizonte 1981.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia nos cursos de graduação**. Uberlândia: Edefu, 1994.

LACOSTE, Yves. **A Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1995.

MIORIM, Antónia Luisa. **Proposta curricular para o ensino de ciências: ações e revelações**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências humanas, 1995, 125p. (Dissertação de Mestrado).

PERALVA, Osvaldo. **Um retrato do Japão**. São Paulo: Moderna, 1996.

VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente, AGB, n.17, p. 5-19, 1995.